



5172 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT12 - Currículo

A JUSTIÇA CURRICULAR E A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER EM UM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO
 Juliana Mezomo Cantarelli - INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A JUSTIÇA CURRICULAR E A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER EM UM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

RESUMO: Educar é parte de um projeto político e uma das ferramentas é o livro didático presente nas escolas públicas do Brasil, através do PNLD. Assim, além de um instrumento pedagógico que abarca os conteúdos legais é também político, direcionando modos de pensar, ser e agir. A partir desse entendimento essa pesquisa de caráter qualitativo, através da análise de livro, tem como objetivo discutir a (in)visibilidade da mulher representada em um livro didático de Biologia do Ensino Médio, utilizados pelos professores de um Instituto Federal. Foram analisadas as fotografias e legendas que representam separadamente pessoas do sexo masculino e feminino, considerando para tal o conceito de Justiça Curricular e os estudos sobre Análise de Livro Texto de Torres Santomé (2013). Acredita-se que os professores devem ter consciência da importância de “treinar” o olhar para além dos conteúdos da sua própria disciplina, pois se a escola não visar à igualdade, independente do sexo pertencente, outras forças continuarão “maquiando” o currículo, inclusive através do livro didático, mesmo sem a percepção de muitos docentes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio. Justiça Curricular. Livro Didático. Sexismo.

INTRODUÇÃO:

Educar é parte de um projeto político que visa definir e programar o futuro não só dos estudantes, mas também do próprio país. Sendo direcionada por uma determinada concepção teórica a educação vai sendo usada para a manutenção ou transformação do status quo vigente na sociedade (LUCKESI, 2011). Nesse contexto a escola tem um papel de destaque, visto que pode contribuir direta ou indiretamente para a concretização do projeto escolhido.

Uma das ferramentas utilizadas para a implantação do projeto político selecionado é o livro didático, pois faz parte do cotidiano de todas as escolas públicas brasileiras através do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático). De acordo com Cassiano (2007), em função do tamanho do território brasileiro, sua diversidade tanto econômica como cultural e social, para muitos estudantes é esse o único livro que terão acesso no decorrer da sua vida escolar.

Também é considerado uma importante ferramenta pedagógica que apresenta a “cultura oficial” aprovada através dos parâmetros e diretrizes que se materializam na forma do currículo produzido e praticado nas escolas. Assim como Moreira e Silva (2005), se entende que o currículo “não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares” (2005, p. 8).

O livro didático no decorrer de suas páginas e dos seus conteúdos apresenta um discurso que legitima um olhar da realidade em detrimento de outros, pois entendido como “oficial”, torna-se verdadeiro e inquestionável para muitos alunos e também professores. “Por lo tanto, el libro de texto se convierte en un pilar fundamental en la gestión del proceso de enseñanza-aprendizaje y, en consecuencia, en el modo en que los estudiantes perciben la realidad” (ATIENZA, 2007, p 546).

Entende-se que o livro didático utilizado nas diversas salas de aula espalhadas pelo Brasil não deve ser considerado apenas uma ferramenta pedagógica. Mas, entendido também como uma ferramenta política que induz a determinadas maneiras de pensar, agir, se posicionar e entender o mundo na sua globalidade.

Percebe-se que nesse mundo globalizado o neoliberalismo permeia relações sociais, políticas, culturais, além de econômicas. Igualmente, muitas vezes acaba influenciando as políticas educacionais e as concepções de currículo que fazem parte da escola. Sendo assim, entende-se que um currículo pode estar de acordo com as leis e preceitos estabelecidos e ao mesmo tempo não contemplar a justiça curricular. Justiça curricular que conforme Torres Santomé (2013),

é o resultado da análise do currículo que é elaborado, colocado em ação, avaliado e investigado levando em consideração o grau em que tudo aquilo que é decidido e feito em sala de aula respeita e atende às necessidades e urgências de todos os grupos sociais; lhes ajuda a ver, analisar, compreender e julgar a si próprios como pessoas éticas, solidárias, colaborativas e co-responsáveis por um projeto de intervenção sociopolítica mais amplo destinado a construir um mundo mais humano, justo e democrático (TORRES SANTOMÉ, 2013, p.9).

Mundo esse que parece não ser uma preocupação ou mesmo uma ponderação no livro didático analisado, onde se torna perceptível a diferença entre contemplar o currículo e justiça curricular. Afinal, para se alcançar a justiça curricular, entre outras coisas, é necessário assumir um projeto educacional comprometido com a construção do cidadão crítico, reflexivo, capaz de discernir os fatos e acontecimentos que afetam à sociedade e seu entorno, e não apenas que contemple as aprendizagens para o conhecimento científico.

Assim, essa pesquisa de caráter qualitativo, através da análise de livro, tem como objetivo discutir a (in)visibilidade da mulher representada no livro didático de Biologia do 1º ano do Ensino Médio. O referido livro, disponibilizado através

do PNLD – Plano Nacional do Livro Didático - é utilizado pelos professores de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, localizado em uma cidade da região central do Rio Grande do Sul.

A análise foi realizada a partir da construção de um quadro metodológico fundamentado nos escritos de Torres Santomé (2000), que enfatiza os personagens como alguém de quem se fala, podendo ser homem, mulher ou coletivos, com ou sem nome próprio. Também, aponta como importante destacar a idade e a raça, bem como o âmbito da ação e a própria ação que o personagem está executando. Todavia, a construção de um quadro de análise de livros não é algo fechado ou predeterminado, mas construído a partir do que está sendo analisado, podendo variar em cada trabalho.

Sabe-se que outras questões poderiam ser abordadas na análise do referido livro, como raça, classe social, trabalho, etc. Entretanto, esse trabalho tem como foco o sexismo e as questões de gênero ainda tão presentes e urgentes de serem consideradas na atualidade. Para tal foram analisadas as imagens fotográficas que representem separadamente, pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino, bem como suas respectivas legendas. A opção pela disciplina de Biologia se deu considerando que os temas abordados já fazem parte do cotidiano vivido pelos estudantes, além de ser de amplo conhecimento que a transdisciplinariedade deve ser um comprometimento de todas as áreas de formação do aluno. Cabe destacar que em nenhum momento o conteúdo específico da disciplina foi avaliado ou colocado em questionamento, visto não ser essa a intenção deste trabalho.

DESENVOLVIMENTO:

O livro didático analisado chama-se “Biologia Moderna” e faz parte do rol de materiais pedagógicos da editora Moderna Ltda. Essa, incorporada em 2001 ao grupo espanhol Santillana que tem forte presença não só no Brasil, mas em toda América Latina. O livro em questão é apresentado em volume único e sua edição é de 2016, tendo validade para 4 anos. Ofertado pelo MEC – Ministério da Educação, através do PNLD como uma das possibilidades de escolha dos professores das escolas públicas, entre os livros de Biologia.

Entretanto, ao utilizar um livro didático não se está ensinando/aprendendo somente a disciplina em questão, no caso, Biologia. Mas, muito mais que isso, “*estamos enseñando (y aprendiendo) cómo es el mundo, cómo ha llegado a ser así, quién ha contribuido a ello y de qué manera, qué vale la pena y qué es insignificante*” (BLANCO GARCIA, 2006).

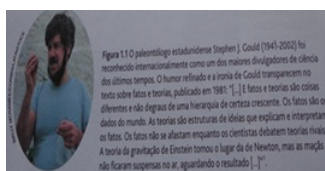
Ensino e aprendizagem para além da disciplina são evidenciados no transcorrer do livro didático quando se analisa as 23 (vinte três) representações de pessoas em forma de fotografia. Destas, somente 4 (quatro) são do sexo feminino, sendo 3 (três) delas mulheres praticando uma ação, ou seja, adultas e realizando algum trabalho, e 1(uma) fotografia de gêmeas adolescentes para exemplificar pessoas originadas do mesmo zigoto, ou seja, monozigóticas. Também é importante ressaltar que nenhuma das pessoas do sexo feminino, ou seja, nem as mulheres e nem as adolescentes são apresentadas pelo próprio nome. Além disso, todas elas são brancas e aparentemente saudáveis. Segundo Blanco Garcia (2006, p. 74), “*esto es así porque la mayoría de los libros escolares reflejan y transmiten los modelos sociales dominantes, contribuyendo a reproducir sesgos, estereotipos y prejuicios sexistas, clasistas y racistas*”.

Modelos dominantes que possibilitam que, ao contrário das 4 (quatro) fotografias de pessoas do sexo feminino, sejam colocadas 17 (dezesete) do sexo masculino. Esses com idades variadas, desde criança até idoso. Destaca-se também, mesmo não sendo o objetivo do trabalho, que todos são brancos e aparentemente saudáveis, o que causa estranheza para um livro didático, visto que não contempla a diversidade não somente brasileira, mas mundial. Além disso, dessas 17 (dezesete) pessoas do sexo masculino, 11 (onze) são apresentados pelos seus próprios nomes, bem como seu país de origem - sendo todos estrangeiros (europeus ou americanos) e protagonistas de alguma ação no âmbito científico. Em relação a protagonismos e exemplos a ser seguido, expõe Blanco Garcia (2006, p. 74) que através do livro didático “*también enseñamos (y aprendemos) quiénes somos nosotros y nosotras, qué se espera que hagamos, qué es posible y qué es apropiado, qué expectativas es razonable tener, a quién podemos tomar como modelo, dónde está nuestra genealogía.*”

Com isso, mesmo sabendo não ser esse o objetivo do trabalho, se crê importante reforçar que todas as pessoas presentes no transcorrer do livro, independente se do sexo feminino ou masculino, são brancas, estrangeiras e aparentemente saudáveis. Portanto, das 23 (vinte três) fotografias exibidas, nenhuma delas é de pessoa que apresenta algum tipo de deficiência ou até mesmo uma doença; bem como, nenhuma delas é de pessoas pretas/negras^[1], mesmo sabendo que, segundo dados do IBGE, representam 51% da população brasileira.

Bourdieu expõe em relação às diferenças culturais que a escola corrobora com a cultura dominante, reforçando-as em forma de desigualdades. “Tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (2007, p 53).

Cultura que, muitas vezes, silencia, naturaliza ou torna imperceptível aos olhos de muitos professores e estudantes, a exclusão de pessoas de cor preta/negra ou como a dos povos indígenas no livro didático analisado, bem como a insignificante presença da mulher e dos papéis a elas atribuídos. Essa situação é explícita nas poucas vezes em que as mulheres aparecem no livro em questão, onde suas imagens servem para ilustrar as situações e nunca destacar a pessoa, como ocorre com a maioria dos homens apresentados. Esse fato é exemplificado com as imagens abaixo e suas respectivas legendas.



A primeira imagem está localizada na página 39, é de uma mulher e apresenta a seguinte legenda:

“Astrobióloga coletando amostras no Lago Mono (Califórnia, EUA, 2010). Nesse lago foram encontrados microrganismos vivendo em condições até então consideradas impróprias para a existência de vida. Essa descoberta sugere a existência de vida em outros lugares do cosmo, apoiando a hipótese da panspermia.”

Percebem-se pela imagem e legenda, que o destaque é dado ao lago americano, suas condições e consequências, ou seja, toda ênfase na situação e não na pessoa, que neste caso é uma mulher, apresentada como a “astrobióloga”, sem nome próprio e que simplesmente executa a ação. Além disso, a fotografia coloca a “Astrobióloga” coletando a amostra in loco e não a analisando no laboratório, local em que a pesquisa de fato se concretiza, além de acrescentar credibilidade e seriedade na ação, o que não acontece nas mesmas proporções com a imagem da praia.

Segundo Barbara Cobo, coordenadora de População e Indicadores Sociais do IBGE, “A mulher tem a escolarização necessária ao exercício da função, consegue enxergar até onde poderia ir na carreira, mas se depara com uma ‘barreira invisível’ que a impede de alcançar seu potencial máximo”. Esse fato pode estar relacionado com os papéis de gênero culturalmente associados a homens e mulheres na sociedade. De acordo com o informativo do IBGE (2018), intitulado “Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil”, o que se espera, se permite e se valora culturalmente na sociedade em relação a homens e mulheres é diferente e isso terá um impacto em todas as esferas de suas vidas, podendo determinar suas escolhas e conseqüentemente, seu futuro. Esses papéis culturais atribuídos a cada um ficam evidenciados quando, no mesmo informativo é apontado que “no Brasil, em 2016, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens (18,1 horas contra 10,5 horas)”. Acrescenta ainda o informativo que se para as mulheres brancas a média dedicada é de 18,1, para as mulheres pretas/negras aumenta ainda mais, indo para 18,6 horas semanais.

Segundo Torres Santomé (2017), desde muito cedo as crianças já vão aprendendo a olhar o mundo e também como estar nele. Assim, o modo como vai sendo incorporado a ideologia dominante que aponta os papéis de cada um na sociedade, se passa a acreditar e assumir que outras perspectivas não são possíveis e mais facilmente se aceita o que é oferecido e/ou imposto. Corroborando, lembra-se Freire (1996) que expõe que com ares de pós-modernidade e os discursos de ideologia fatalista imobilizam e tentam convencer a sociedade que algumas questões históricas e culturais são praticamente naturais, ou seja, não se pode fazer para mudá-las.

Entretanto, apesar de que muitos discursos reproduzidos pareçam já estar enraizados no pensamento cotidiano, sabe-se também que a sociedade não é estática e se transforma através de lutas e da participação de vários segmentos sociais. Afinal, “as crenças e ações humanas são construídas e modificadas em função das circunstâncias em que se vive e se trabalha” (TORRES SANTOMÉ, 2003, p. 240). Assim, a escola acaba tendo um papel importante, pois foi criada pelo Estado, na Europa no século XIX, como uma instituição de massa cujo intuito era de intervir na vida da classe trabalhadora. Com isso, se transformou em um espaço de esperança para as crianças oriundas de famílias pobres. Entretanto, essas mesmas crianças, ou melhor, estudantes, sofrerão os efeitos das ações nela desenvolvida, sejam positivos ou negativos (CONNEL, 2013).

Desse modo, a escola por meio do seu currículo se torna uma ferramenta importante que pode visar tanto à meritocracia e a busca de resultados onde o estudante é um consumidor do ensino, como também a formação do cidadão e a construção de um mundo mais justo, democrático e igualitário. Quanto a isso, expõe Charlot (2013) que cabe a escola a difusão da ciência sem esquecer-se da sua função cultural, social e de preparação para o trabalho. Acreditando nessa perspectiva de educação, é importante lembrar o conceito de currículo na escola contemporânea, que segundo Ball (2010, p. 21) é o “conjunto de experiências que molda seres humanos para transformá-los em pessoas”. Assim, o currículo pode estar voltado para a construção de cidadãos críticos, solidários e autônomos, ou priorizar o ensino de acordo com as necessidades do mercado (TORRES SANTOMÉ, 2003).

Portanto, que tipo de pessoa a escola e as políticas educacionais querem construir é que orientarão as ações e as ferramentas que serão utilizadas. Nesse contexto, o livro didático passa a ser um instrumento ainda mais importante, pois como é distribuído gratuitamente pelo Governo Federal e pode estar nas salas de aula dos mais diversos recantos do Brasil, contribui diretamente para com a “pessoa” que se quer formar.

Com isso, percebe-se a importância não apenas de se ter um currículo que contemple as aprendizagens e informações necessárias para o conhecimento científico. Mas um currículo que considere a justiça curricular na sua construção e na sua prática cotidiana.

A questão da não preocupação do referido livro com a justiça curricular fica evidenciada em vários momentos, como na questão da não presença de fotografias de pessoas não brancas representantes da imagem euro-centrista. Também, como já destacado, no que se refere às mulheres, em relação a vários aspectos. “*El contenido de los libros de texto refleja una visión de la realidad que corresponde a los modelos sociales hegemónicos: una visión patriarcal, androcéntrica, en la que los hombres continúan siendo el referente que se pretende generalizar como universal*” (BLANCO GARCIA, 2006, p. 75).

Essa visão da realidade fica evidenciada na comparação entre a fotografia da mulher e a do homem, anteriormente apresentadas. A segunda imagem está localizada na página 14 do referido livro e é de um homem paleontólogo, estadunidense, chamado Stephen J. Gould. A imagem fotográfica está acompanhada da seguinte legenda:

o paleontólogo estadunidense Stephen J. Gould (1941 – 2002) foi reconhecido internacionalmente como um dos maiores divulgadores de ciência dos últimos tempos. O humor refinado e a ironia de Gould transparecem no texto sobre fatos e teorias publicado em 1981, “[...] E fatos e teorias são coisas diferentes e não de graus de uma hierarquia de certeza crescente. Os fatos são os dados do mundo. As teorias são estruturas de ideias que explicam e interpretam os fatos. Os fatos não se afastam enquanto os cientistas debatem teorias rivais. A teoria da gravitação de Einstein tomou o lugar da de Newton, mas as maçãs não ficaram suspensas no ar, aguardando o resultado.

Logo, a fotografia não é só de um “homem” e nem somente de um “paleontólogo”. É de um homem, paleontólogo,

estadunidense, chamado “Stephen J. Gould”, que é apresentado como um dos maiores divulgadores da ciência contemporânea, destacando ainda seu “humor refinado e a ironia”.

Contudo, se reflexiona quanto à necessidade da imagem e legenda da referida pessoa para ilustrar o tema abordado no capítulo 1 “Biologia: ciência e vida”, subitem 1.1 “Fundamentos do pensamento científico e surgimento da Biologia”, visto que, conforme o livro, seu feito é ter sido “um dos maiores divulgadores da ciência nos últimos tempos”. Entretanto, ser “um dos maiores” possibilita o entendimento da existência de outros e outras que também contribuíram para essa ou demais questões importantes para a contemporaneidade. Porém, afirma Blanco Garcia (2006, p.75) que muitos livros didáticos “*No se recogen las nuevas aportaciones del conocimiento, que constata la presencia-antigua y reciente- de las mujeres en todos los ámbitos de la realidad.*” Mulheres que se destacam nas diferentes áreas da ciência e que poderiam fazer parte de qualquer material didática que visasse contribuir com a igualdade de gênero, contemplando a justiça curricular. Exemplos de mulheres ligadas à ciência, como a professora queniana Wangari Maathai, laureada com o Prêmio Nobel da Paz de 2004 por ter aliado políticas de preservação ambiental ao progresso feminino de seu país (LOPES, 2018). Ou, como Patricia Medici, bióloga de conservação, pioneira no estudo das “antas terrestres – o maior animal mamífero da América Latina”, que tem hábitos de vida ainda pouco conhecidos, mas por estar ameaçado de extinção coloca em risco o equilíbrio do ecossistema (SILVA, 2017). Todavia, “*No se ofrecen, por tanto, ni posibilidades para el reconocimiento de la contribución de las mujeres al desarrollo social ni tampoco para el cuestionamiento de los modelos de relación entre hombres y mujeres que son jerárquicos, discriminatorios y limitadores*” (BLANCO GARCIA, 2006, p 75).

Sendo assim, se pode ponderar que a imagem do homem, paleontólogo, estadunidense e apresentado pelo próprio nome é usada para dar ênfase a um homem adulto, branco, graduado, estrangeiro e que pode ser irônico e ter senso de humor, mesmo quando trata de um assunto tão complexo e importante como a ciência. Afirma Blanco Garcia (2006, p. 75) que “*Sobre todo en Secundaria, se presentan modelos muy estereotipados -para mujeres y para hombres- tanto en relación a sus características personales como sociales (campos de actuación, profesiones).*”

Para Torres Santomé (2017, p 99),

El sistema educativo desempeña un importante papel en la constitución de este tipo de mentalidade y de sentido común, pues los contenidos culturales que incorpora como elemento central todo proyecto curricular, son decisivos para poner delante de los ojos del alumnado parcelas de la realidad, explicaciones de como es el mundo, los porqués y las aspiraciones acerca de como debería ser.

Assim, explicando como é o mundo, a realidade, etc, o livro segue com mais duas imagens fotográficas em que as mulheres aparecem. Mais uma vez são ambas brancas, sem nome e aparentemente saudáveis. É perceptível, verificando as duas imagens abaixo e suas respectivas legendas, que as mulheres não são o destaque e servem apenas para complementar a situação.



Figura 4.5 A. Cientista observando material em um microscópio fotônico moderno. B. Representação esquemática das partes fundamentais de um microscópio fotônico, mostrando o caminho



Figura 4.8 A. Cientista manipulando um microscópio eletrônico de transmissão.

Tanto na primeira como na segunda imagem o destaque não é dado nem a mulher, nem a cientista e nem ao seu trabalho, mas ao microscópio. De acordo com a legenda da primeira foto a “cientista observando material em um microscópio fotônico moderno”, ou seja, destaque para o microscópio fotônico moderno. A segunda fotografia apresenta a legenda “cientista manipulando um microscópio eletrônico de transmissão”, isto é, novamente o desataque vai para o microscópio, agora de transmissão. Além disso, somente é possível perceber que se trata de uma mulher observando a fotografia, visto que na legenda não consta o artigo “a”, mas somente “cientista”, tornando-se indefinido se está se referindo a masculino ou feminino. Com isso, percebe-se que a imagem da mulher não tem nenhuma relevância, efeito ou significado não só para o entendimento da imagem, mas também para o tema desenvolvido.

Es mediante el trabajo cotidiano en las aulas como se van moldeando las percepciones de la realidad hasta colonizar de tal manera nuestros sentidos que acabamos por otorgar nuestro consentimiento y convertirnos en garantes, defensores y promotores de esas mismas cosmovisiones opresoras; poco a poco, vamos cerrando los limites de nuestra fantasia y cercenando nuestra creatividad, encerrándola dentro de los marcos de esas cosmovisiones hegemónicas (TORRES SANTOMÉ, 2017, p 100).

Visões hegemônicas que contribuem para a perpetuação do senso comum que embasa grande parte do modo de ser, pensar e agir das pessoas e que colabora, direta ou indiretamente, para a aceitação das várias desigualdades, como a de gênero, ainda tão presente na sociedade e, conseqüentemente nas salas de aula do Brasil. Senso comum entendido a partir de Gramsci e atualizado por Crehan (2018, p.2), como “*todas aquellas conclusiones heterogéneas a las que las personas llegan no por médio de una reflexión crítica, sino porque constituyen verdades preexistentes del todo evidentes*”, ou seja, algo que mesmo incoerente, ambíguo, contraditório, faz com que grande parte das pessoas não perceba como tal, como prejudicial a igualdade de direitos e oportunidades ainda tão distante da realidade brasileira.

CONCLUSÃO

Reitera-se que esse estudo visou analisar a presença da mulher em um livro didático de Biologia distribuído para as escolas públicas através do PNLD. Em função do programa o livro didático está presente em todos os recantos do Brasil, nas mais variadas salas de aula, contribuindo diretamente para a construção do modo de ser dos estudantes. Assim, podendo ser considerado não somente uma ferramenta pedagógica, mas também política.

Como ferramenta pedagógica e política o livro didático pode ser utilizado de acordo com o modelo de sociedade que se prioriza, mesmo que disfarçadamente, visto que seu conteúdo considerado “oficial” passa a não ser questionado por

grande parte dos estudantes. Com isso, muito do que é apresentado acaba sendo naturalizado e aceito como verdadeiro ou que realmente tem valor.

Desse modo, percebe-se a importância de pensar as questões de gênero no currículo escolar, especialmente a partir do livro didático e de sua autoridade para a (des)construção do olhar do estudante sobre si, sobre a representação da mulher e as relações de força e poder presentes na sociedade contemporânea. Afinal, um livro que discrimina mesmo que veladamente as mulheres, e de maneira ainda mais grave as mulheres de outras etnias que não a branca euro-americana, não contempladas em nenhum momento, acaba contribuindo, independente da intenção, para com o preconceito e a discriminação de gênero na sociedade. Preconceito e discriminação que assinala o “destino” e o futuro de muitas meninas que estudam e acabam aceitando sua função e condição dentro da sociedade, reprimindo seus sonhos e desejos.

Entretanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que mesmo cada área do conhecimento tendo suas particularidades e sendo trabalhadas em separado, elas devem integrar-se através dos temas transversais que abarcam algumas questões importantes e que envolvem a sociedade e, conseqüentemente, deve perpassar por todas as disciplinas. Também, que para contribuir com a construção do cidadão devem ser consideradas as práticas sociais, políticas e culturais, bem como a vida pessoal, entrelaçadas com a convivência cotidiana (BRASIL, 2000).

Percebe-se, então, que há um longo caminho a percorrer em relação ao currículo escolar. Caminho de luta por uma educação que realmente considere a justiça curricular em seu planejamento e ação, proporcionando a todos os estudantes do país a oportunidade de se construir como um ser humano livre e igual, independente do sexo do seu nascimento. Livre para lutar pelas suas perspectivas, por um mundo mais solidário e compartilhado, sabendo que as tarefas a serem realizadas ao longo da vida não são aptidões inatas, mas que muitas vezes são construídas para determinar o “lugar” de cada um dentro desse mundo tão injusto e desigual.

Liberdade que somente poderá ser exercitada se as escolas estiverem atentas para a justiça curricular, entendendo que para muitos estudantes essa será a única oportunidade para aprender a discernir criticamente fatos e acontecimentos. Oportunidade também para se construir como pessoas dignas que compreendem que grande parte do que se vive em sociedade é uma construção cultural, e, portanto, também pode deixar de ser. Assim, entender que os papéis de cada um não devem estar atrelados e predeterminados, nem pela raça, nem pelo gênero, nem pelo credo ou condição socioeconômica.

Desse modo,

o desafio que se impõe às escolas públicas e a outras instituições de educação é o de promover um contexto para o desenvolvimento de outros meios de tornar-se alguém – modos mais fortalecedores do indivíduo e da coletividade, e mais condizentes com uma concepção democrática de eu e de comunidade (APPLE, 2003, p. 35).

Acredita-se que a escola e seus professores devem ter consciência da importância da justiça curricular e clareza da necessidade de se lutar por um projeto de educação mais justo e humano, e para tal a reflexão torna-se fundamental. Afinal, “[...] não somos neutros, somos seres sociais portadores de visões de mundo e de perspectivas de interpretações parciais, mesmo sendo altamente competentes em nossos conhecimentos e práticas educacionais” (CAREGNATO, PINHO, 2013, p. 190)..

Portanto, como Blanco Garcia (2006), também se percebe a importância de “treinar” o olhar em relação aos livros didáticos utilizados, “*que tengamos conocimientos y habilidades para poder identificar aquellos materiales que son sexistas y que, por tanto, no nos van a ser útiles para una educación que genere libertad en las chicas y en los chicos, que es la única apropiada para el siglo XXI*”. Conseqüentemente, sem refletir sobre as questões que compõem a justiça curricular e a busca por uma escola que vise à igualdade de direitos e possibilidades, independente do sexo pertencente, outras forças continuarão a fazê-lo, “maquiando” o currículo, inclusive através do livro didático, mesmo sem a percepção de muitos docentes.

REFERÊNCIAS

ATIENZA CERREZO, Escarna. **Discurso e ideologia em los libros de texto de ciencias sociales**. Discurso & Sociedad. 2007; 1(4): 542-574. Disponível em <https://repositorio.upf.edu/handle/10230/23523>. Acesso 28 de fevereiro de 2019.

BALL, Stephen J. Vozes/redes políticas e um currículo neoliberal global. P 21 - 45. In: **Diferenças nas políticas de currículo**. (org) Maria Zuleide Costa Pereira. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

BLANCO GARCIA, Nieves. Materiales Curriculares Coeducativos. In: **Guía de buenas prácticas para favorecer la igualdad entre hombres y mujeres**, pp 74-84. 2006. Disponível em: <http://www.ite.educacion.es/formacion/materiales/112/cd/m2/NievesBlanco.pdf> Acessado 15/02/2019

BRASIL, Decreto nº 91.542 de 19 de agosto de 1985 Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre sua execução e dá outras providências.

BRASIL, Ministério da Educação, (2000). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, MEC/SEMTEC.

BIOLOGIA. 1º Ano Ensino Médio. Volume único. Editora Moderna LTDA, 2016. PNDL.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CAREGNATO, C. E.; PINHO, P. M. Observar e promover a diversidade a partir da Escola. In: CAREGNATO, C. E.; BOMBASSATO, L. C. (org.) **Diversidade culturais: viver as diferenças e enfrentar as desigualdades na educação**. Erechim: Novello & Carbonelli, 2013.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Materiais didáticos e ensino na escola básica: Impactos no currículo e na produção editorial brasileira. Remate de Males, Campinas, SP, v. 34, n. 2, p. 375-396, nov. 2014. ISSN 2316-5758. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635855/3564>. Acesso em: 01 mar. 2019. doi:<https://doi.org/10.20396/remate.v34i2.8635855>.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. Trad. Maria José do Amaral Ferreira. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

CONNEL, R.W. Pobreza e Educação. In: **Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. (org) Pablo Gentili. 19 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

CREHAN, Kate. **El sentido común em Gramsci**: la desigualdad y sus narrativas. Trad. Sandra Cifuentes. Espanha: Ed Morata S. L, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como Intelectuais: rumo a uma Pedagogia Crítica da Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da Educação**. 2ª ed. Editora Cortez: SP, 2011.

MOREIRA, Antonio F.; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, Larissa. **Conheça 10 mulheres que mudaram a história da ciência mundial**: Descubra a trajetória de mulheres que lutaram para conquistar seu espaço na ciência. Revista Galileu.
<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/03/conheca-10-mulheres-que-mudaram-historia-da-ciencia-mundial.html>. Acesso em 18 março de 2019.

SILVA, Lillian. **Conheça 12 cientistas do nosso tempo que arrasam no que fazem!** Awebic: Terra vida e saúde, 2017 Disponível em: <https://awebic.com/humanidade/cientistas-mulheres-de-sucesso> Acessado em 19 de fevereiro de 2019.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **O cavalo de troia da educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **Políticas educativas y construcción de personalidades neoliberales y neocolonialistas**. Espanha: Ed Morata S.L. 2017.

[1] Neste artigo optou-se por fazer uso das duas nomenclaturas (pessoa preta/negra) devido as diferentes posições e sentidos para os referidos termos.